

Memórias, Religiosidades e Conflitos: Guaramirim/SC (1960-1970).

ELAINE CRISTINA MACHADO*

As temáticas “fé e religiosidade” e suas múltiplas manifestações têm suscitado inúmeras questões, debates e abordagens teóricas, isto em decorrência de um quadro cada vez mais pluralista de formas de expressão, transmissão e sentimentos religiosos.

Este conjunto de experiências em processo de (re)elaboração rompem uma possível estrutura delimitadora, uma barreira de demarcação temporal e localizam-se entre um tempo já instituído e um tempo que é constante. Nesse sentido tomamos como referência o Tempo Presente, onde essas experiências resultam em um processo contínuo, em um gerúndio crescente, onde a noção de tempo é saturada, diluído e a ampulheta estilhaçada a ponto de transitar entre tensões, reações, desejos, aceitações e sentidos gerados por uma convivência marcada pela profissão da fé e pela escolha de uma denominação religiosa.

Essas relações resultam de uma ação que pode ser definida como transmissão religiosa, esta por sua vez agrega um conjunto de atividades dinamizadas pelo poder a serviço da reprodução de um sistema religioso. Esta estrutura evoca singularmente relações de poder muito definidas, com uma função clara e objetiva de estabelecer relações hierárquicas pautadas no saber que processam e compartilham códigos através de discursos.

A construção destas estruturas religiosas hierarquizadas são evidências de relação de poder e saber que agem como forças disciplinadoras, onde o principal código de difusão desta força disciplinadora é o discurso religioso. O discurso religioso é uma elaboração de componentes cuidadosamente escolhidos pelo responsável pela emissão de um conjunto de códigos, que é destinado diretamente a um grupo de fiéis que tem a função de decodificá-los. Uma vez decodificados evidenciam um conjunto de práticas

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

que se instalam sobre o corpo e transformam este corpo em um portador de códigos e sentidos religiosos.

Nessa perspectiva, a construção do sujeito é resultante de um diálogo e de tensão entre o poder, o discurso e o saber, entretanto estes não são elementos estáticos, fixos, prontos e acabados, pelo contrário, estão sempre em movimento. Sendo que, o corpo é o principal portador da ação destas três forças em movimento constante, assim, o corpo não pode ser entendido somente como matéria, mas como portador de disciplinas e emissor de atos disciplinares.¹

E é, principalmente, nas celebrações religiosas que são evidenciados os interditos através de normas que visam estabelecer um controle refletido no corpo e no comportamento, e esses interditos tem como amparo demonstrações de fé e apego ao sagrado. Entretanto, o corpo como observa FOUCAULT é apenas um lócus capaz de reproduzir as pretensões institucionais ou de refutá-las.²

Porém, antes de compreender as relações de poder é preciso investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar estas relações. A metáfora das notas dissonantes sugere um paradoxo, um indicador de contradições, pois a fé pressupõe um elemento sincrônico, onde os sujeitos submetem-se a um apego e este apego é coletivo, é um sentimento compartilhado, pois está revestido de uma sacralidade construída pelas mensagens salvíficas, que indica um caminho único, seguido individualmente. Porém, a convivência entre fiéis de diferentes denominações religiosas pode se transformar em um espaço fronteiro, na medida em que o outro, o diferente transita em uma lógica binária, embora o outro esteja percorrendo um caminho recheados de sentidos e significados muito semelhantes aos seus.

A fé é por si só singularmente dramática, colorida e poderosa. Através da fé constroem-se redes de relações, onde aquilo que se entende como sagrado é um dos elementos constituidores da vida social. Assim sendo, temos além da construção de uma rede social a construção de identidades. A construção de identidades tem como ponto de partida o outro, acontece a partir do reconhecimento do outro, de um espaço comum (o sagrado) que invoca a elaboração coletiva de regras de funcionamento.

¹ Esta reflexão apóia-se nas discussões de Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow em: “Michel Foucault: beyond Structuralism and Hermeneutics.”

² FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

Segundo CASTELLS, identidades “(...) constituem fontes de significados para os próprios atores, por eles originadas, e constituídas por meio de um processo de individualização.”³ A partir desta perspectiva, cabe apontar a identidade como um elemento capaz de compor categorias globais de relacionamentos, pela visão de mundo e pela delimitação de um espaço.

A fé é, inegavelmente, um instrumento que promove o diálogo entre as instituições religiosas e os fiéis, movimenta uma estrutura cada vez mais dinâmica e plural dada a existência, em um mesmo espaço social, de várias religiões em que os fiéis tem a possibilidade efetiva da adoção de identidades religiosas singulares, ou múltiplas, subjetivas ou coletivas e de vínculos efêmeros ou regulares.⁴

Entretanto, existem sensíveis diferenças entre a fé e a religiosidade, diferenças entre o apego e as práticas deste apego. Transitar entre um e outro é transitar em uma zona de perigo, entre o privado e o público. Evidenciam-se fendas escavadas pela lei do outro, o que contraria um pressuposto básico: a fé e a religiosidade atuarem em dimensões de paz e de trégua.

É neste contexto, que tomamos como referência as relações constituídas em Guaramirim, dentro de uma perspectiva religiosa. Esta cidade que até o final da década de 1940 era um distrito de Joinville, chamado de “Distrito de Bananal”, em 1949 é desmembrada e elevada ao status de município, passando por substanciais alterações, a partir da sua emancipação política e da presença oficial da igreja Católica na cidade.

Paralelo ao projeto de construção oficial da cidade observa-se a presença de um padre, que a partir do ano de 1949, passa a agir em todas as comunidades do município. A presença deste pároco, Pe. Mathias foi marcada não só pelo seu desempenho no campo religioso, mas pela sua interferência na vida pública e privada das pessoas, através da articulação da vida comunitária na cidade.

É da íntima relação entre o poder público municipal e a articulação do pároco católico que nasce um projeto para a cidade de Guaramirim, revestido de um tom modernizador. Nesse sentido é que se pode vislumbrar a experiência social que é a

³ CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura (vol. 2: O poder da identidade) São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 23.

⁴ ZANOTTO, Gizele. Ortodoxias, heterodoxias: os tênues limites da religiosidade católica na TFP. In: ISAIA, Arthur César (org.). **Crenças, Sacralidades e Religiosidades**: Entre o consentido e o marginal. Florianópolis: Insular, 2009. p.104.

religiosidade e a dinâmica das relações neste campo, transitando dentro de um novo universo, que podemos denominar de urbano.

Portanto, tomamos aqui o urbano em uma condição que aponta para uma constante tentativa de construção e organização do espaço, pois o urbano de certa forma rende dividendos políticos, uma vez que atua no campo do desejo, daquilo que se quer alcançar e esta promessa de urbanização dialoga diretamente com as expectativas dos moradores.

Guaramirim passa a ser pensada, reelaborada e planejada não com a pretensão de ser um grande centro urbano, mas com a pretensão de incorporação de práticas que estão ligadas a urbanidade.

Assim, a cidade está para o conjunto das relações nela contida na mesma medida em que o urbano está para a administração destas relações. É pautado neste binômio que se estruturam e debilitam as relações de Guaramirim, nas décadas de 1960 e 1970.

Embora a presença do pároco católico date do final da década de 1940 é nas décadas de 1960 e 1970 que sua atuação se intensifica, traduzindo esta intensificação no cerceamento de toda e qualquer manifestação que ousasse extrapolar suas delineações da vida pública.

As intensas ações deste pároco projetam-no como uma figura reconhecidamente engajada em um ideal e um desejo de progresso praticado na cidade. E seu íntimo diálogo com o poder público municipal era mais um mecanismo de reafirmação comunitária, sendo ele apontado oficialmente como o responsável por articular a construção dos principais espaços de utilidade pública e de sociabilidades na cidade. Salões comunitários, igrejas, casa de irmãs, escolas e o hospital. Estas são algumas das obras projetadas por ele e executadas através da participação das comunidades através de doações em dinheiro ou de mão-de-obra.

É através da concretização dessas obras públicas e que em grande medida beneficiaram as comunidades em que elas estavam instaladas que o poder do discurso se solidifica. Amplia-se a ressonância do discurso da fé e da prática do catolicismo e é reforçado o controle sobre o corpo.

É na cidade que residem experiências corporais plurais, ao mesmo tempo em que a cidade também é uma experiência corporal, onde o corpo é colocado em contato com

a oferta de delineamentos. A cidade se traduz em um lócus de poder, estando o poder sempre em uma condição relacional. Neste sentido estamos tratando de um ambiente urbano não como algo descrito e analisado, mas como experimentado e expresso.

A presença desse pároco em cada comunidade representou mais do que o conforto espiritual para as famílias, predominantemente católicas, sua presença traduziu-se no estabelecimento de um determinado código de convivência social, e a imposição de uma espécie de “pedagogia da fé”, o marco referencial desse código. E os moradores da cidade que até a chegada desse padre viviam sobre laços mais frouxos, passam a ter que estreitar esses laços na medida em que se situam dentro de um novo universo religioso, permeado por um novo discurso, que ditava novas normas de conduta social, apontando para a construção de um quadro social coordenado através da fé, onde o corpo e a moral eram prescritos por um discurso coercitivo.

Se por um lado Pe. Mathias desenvolvia o exercício de alinhar as novas diretrizes apontadas pela Igreja Católica após o concílio do Vaticano II⁵, por outro lado conseguiu reelaborar uma releitura dessas diretrizes para que suas intervenções na vida comunitária não fugissem as posturas até então adotadas, baseadas em um controle severo de seus fiéis.

Segundo afirma ORLANDI “o poder da palavra na religião é evidente. O mecanismo de performatividade atesta este poder de forma clara. A performatividade da linguagem está intimamente ligada a uma visão da linguagem como uma ação.”⁶ Dessa maneira, tratar das relações presentes em Guaramirim é perceber as implicações da ressonância do discurso religioso projetado sobre trânsito religioso, pois para que um discurso alcance o destino desejado com eficiência é preciso que ele seja reconhecido e o reconhecimento do mesmo investe de autoridade seu emissor, sendo ele o responsável por elencar os sinais distintivos em relação aos que reconhecem sua autoridade, mas se negam a segui-la, ou seja “os outros”

À luz da análise de FOUCAULT sobre a moral, evidenciada como “(...) um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por

⁵ Entre as decisões apontadas por esse Concílio, de 1962-1965, destacam-se as renovações na constituição e na pastoral da Igreja, que passou a ser mais alicerçada na luta pela igual dignidade entre os fiéis e, também, buscava ser mais aberta para o mundo. Além disso, reformou-se a liturgia, onde a missa de rito romano foi simplificada e passou a ser celebrada em língua vernacular.

⁶ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu Funcionamento**: As formas de discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987. p.252.

intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc. (...)”⁷, a partir da presença desse padre, da institucionalização da fé, e conseqüentemente do estabelecimento de um discurso moralizante, o controle dos sujeitos parecem mais eficientes, sendo que, ao mesmo tempo, estes sujeitos se sentem pertencentes a um grupo, que se pretende homogêneo e no entanto não é

A presença atuante de Pe. Mathias e o forte vínculo deste padre com as famílias mais capitalizadas, concretiza um corpo de relacionamentos inquestionáveis, uma vez que todas as ações empreendidas eram amparadas pela justificativa de que a fé e os desejos da Igreja Católica (traduzidos através da presença do pároco) eram inquestionáveis. Entretanto, houve um rompimento destas imposições, ficando evidente uma ausência de pertencimento a esses códigos impostos, essa situação fomentou o estabelecimento de novas denominações religiosas ligadas ao pentecostalismo.

As fronteiras religiosas estavam estabelecidas e o trânsito entre essas fronteiras era cada vez mais difícil, e a presença oficial da Igreja Católica na cidade só possibilitava aos luteranos a condição de merecedores de reconhecimento, desde que esse reconhecimento estivesse amparado por certo distanciamento.

A presença de Igrejas da Assembléia de Deus, a partir da década de 1970, vai contribuir para que a tensão nos relacionamentos cotidianos estivesse em maior evidência. As igrejas da Assembléia de Deus tem no município de Guaramirim uma adesão muito modesta, comparada ao número de famílias católicas e luteranas. Os fiéis freqüentadores desta denominação passam a projetar novos espaços que lhes permita assumir uma nova prática religiosa e este quadro resulta na redefinição desses sujeitos.

A presença da Assembléia de Deus, em Guaramirim, traduz-se em uma relação de poucos diálogos entre os católicos, conduzidos por Pe. Mathias, e os assembleianos, uma vez que a ressonância do discurso religioso deste padre vai ser a tônica da aceitação ou rejeição do outro.

Esta reflexão acerca das experiências vividas dentro das comunidades nesta cidade aponta para uma constante capacitação dos fiéis para combater o desconhecido, para combater as forças que podem abalar a unidade da comunidade e que abrem as

⁷FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. p.38.

portas para o pecado. Assim, foram vistas as denominações religiosas que ali se instalaram.

Portanto, ao analisar os sujeitos inseridos nesse contexto devemos considerar que os elementos constitutivos de suas identidades têm como referencial a religiosidade. Entretanto, tudo parece apontar para a condição de que estes sujeitos estão em uma constante reelaboração de si, mas sempre preocupados com a formação do “eu” no olhar do “outro”, o que evidencia que a identidade é uma postura que se assume, fruto de um processo e que existe sempre algo imaginado ou fantasioso sobre sua unidade, evidenciando o estabelecimento de fronteiras.

Nestas fronteiras a fé tem ressonâncias e estas ressonâncias são polifônicas. Por um lado, mostrar-se envolvidos por um apego ao sagrado enquanto espaço de demonstração de fé e devoção (denominação religiosa) nem sempre é viver somente em um dos lados da fronteira. Por outro lado, por mais que existam códigos, normas e condutas vigiadas apoiadas no estabelecimento de uma “pedagogia da fé”, os sujeitos sempre transitam entre estas fronteiras, entendidas aqui como não como lugares delimitadores de territórios, mas espaços de trânsito, nos quais as experiências e as relações entre os sujeitos vão além da esfera religiosa.

Desse modo, observa-se que a fronteira não é algo material, mas simbólica; e não é a fronteira que separa estes sujeitos, mas o limite da(s) identidade(s). Não obstante, este limite não representa necessariamente uma barreira, mas sim uma referência, que pode representar uma divisão do sujeito entre o ser (cristão, ou ser católico, ou ser luterano, ou ser assembléiano) e o estar (em uma determinada denominação religiosa). Condição de possibilidade porque se pauta na experiência de sentimento de pertencimento.

Embora exista um esforço em se produzir referenciais religiosos em um determinado espaço, a construção destes referenciais participa de um processo de enunciação, que está ligada diretamente ao poder do enunciador.

E por mais que este poder de enunciação pretenda alcançar uma uniformidade e que esta aponte para uma composição religiosa majoritária, as fronteiras estabelecidas nestas relações se constituem em espaços de litígio. De outro modo, também se traduzem como espaços que permitem uma fluidez, um trânsito, uma vez que o sujeito está inserido nesta composição espacial e social, resulta destas experiências, um

conjunto de práticas e discurso constituídos pelos próprios sujeitos, ao mesmo tempo em que tem um papel a ser construído na sua subjetividade. É o sujeito agindo sobre si mesmo.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusp, 2007.

ALVES, Rubem Azevedo. **O Enigma da Religião**. Campinas: Papirus, 1984.

ANTONIAZZI, Alberto (org.). **Nem Anjos nem Demônios**: interpretações sociológicas

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura (vol. 2: O poder da identidade) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault**: beyond Structuralism and Hermeneutics. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Arqueologia do Saber** (3ª ed.). Rio de Janeiro: PUC, 1973.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu Funcionamento**: As formas de discurso. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ZANOTTO, Gizele. Ortodoxias, heterodoxias: os tênues limites da religiosidade católica na TFP. In: ISAIA, Arthur César (org.). **Crenças, Sacralidades e Religiosidades**: Entre o consentido e o marginal. Florianópolis: Insular, 2009.